

Crítica // Enterre seus mortos ★★★

**Enterre
seus mortos:**
suspense e
terror nas telas

GLOBOPLAY/DIVULGAÇÃO

O prenúncio inadiável do fim

Ricardo Daehn

Em refilão, há partes do mais novo filme de Marco Dutra que fazem lembrar *Bacurau* e *O agente secreto*: corpos deixados ao léu e fortalezas, numa enganosa atmosfera bucólica, tomam conta de parte do enredo. Depois de

brilhar no terrível suspense de *As boas maneiras*, a fotografia de Rui Poças volta a impressionar no novo longa que alinha o caos sorrateiro da pequena Abalurdos às pencias de perturbações internas que tomam conta de personagens centrais, como Nete (Marjorie Estiano) e Edgar Wilson (Selton Mello), amantes, além de colegas de esdrúxulo trabalho. Ela anuncia, via rádio, focos de animais mortos, em estradas, para que ele promova a coleta. A complacência, em cenários de acidente de trânsito nas vias, sempre pende para os animais.

Baseado em texto de Ana Paula Maia, lembrada pela série *Desalma* e pelo longa *Deserto* (que integrou seleção do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro), *Enterre seus mortos*, por vezes, mostra-se confuso, dados os surtos e rompantes brotados de personagens que parecem destinados ao apocalipse. A dado ponto, ressona um conclave: “acordai” (certamente, pela repetição, à la *São Paulo S/A*, é algo que toca o público). O protagonista, que flerta o demônio, pelas camadas de traumas e multiplicidade de caráter, presença, sem muita aflição, o desequilíbrio entre bons e maus, ao redor dele.

A relação doentia de Edgar com o ex-padre Tomás (Danilo Grangheira, de *O sequestro do voo 375*) rende bons momentos. Enamorada de uma misteriosa religião, Nete convive bem com a tia meio pancada (papel de Betty Faria), enquanto transita algo ilessa entre apavorantes elementos do filme, que avoluma paralelos de rebanhos de ovelhas (mortas), raios, sangue e cadáveres moídos. Nesse conto sobre solidão, há boas performances de Gilda Nomacce (que virou meme, por causa da produção) e de Vittoria Seixas, na pele da angelical Mariana.

Pelos olhos do melhor amigo

Mariana Reginato

Em clima de halloween, uma história contada por uma perspectiva diferente chega aos cinemas. O primeiro longa de Ben Leonberg, *Bom Menino*, traz uma história de terror sem muitas surpresas: após perder um parente, Todd vai para a casa de campo de sua família, que

está abandonada e descobre entidades malignas no local.

A diferença está em sua principal companhia, o cachorrinho Indy. A trama é contada por meio de uma perspectiva do melhor amigo do homem. Depois de Todd ignorar os rumores, o cachorro precisa confrontar o mal para salvar o seu cuidador.

DIVULGAÇÃO

**Bom
menino** traz
narrativa
inédita de
terror